Agostina Akemi Sasaoka

Poros

KOMΣDI

Agostina Akemi Sasaoka

Poros

KOMΣDI

K O M Σ D I

Copyright © by Agostina Akemi Sasaoka, 1997

Dados para Catalogação

Sasaoka, Agostina Akemi
Poros

Poesia

Campinas: Editora Komedi, 1997.
20 p.

Projeto e Produção
Editora Komedi
R. Álvares Machado, 460 sala 32
13013-070 - Centro - Campinas - SP
fone/fax: (019) 234.4864

1997

Aniversário

Eis que o bafo
dos anos que escorrem
aquece meu corpo
mais uma vez,
babando em mim
a idade,
alfinetada
num bolo de aniversário,
onde a parafina brinca
e o açúcar sobra,
ante um corpo
de curta idade biológica
e maturidade precoce
que rasteja pelo mundo
pensando-se imortal.

Velocidade

A criança se desprende
e espanca o carro:
súbito silêncio dos pneus.
O vôo da vida,
os cacos nos olhos.
Nos lábios da calçada
deposita
flores e vísceras.
Com o coração no asfalto,
a última
brincadeira vermelha:
a formiga afogada,
a bola perdida.

Suburbanos

Parte-se a boca.
De todos os pedaços
dos corpos desunidos
fogem vermes imaginários.
Os ratos vão marchando
entre as inumeráveis madrugadas da favela.
Num último escarro
a vida se trapaceia
(mais uma vez).
Ainda é muito noite:
os seios não se vão pelos decotes,
mas permanecem cambaleantes.
O homem
— risível pataca de sonhos —
contorna as mulheres
com a fumaça do cigarro.
É preciso matar...
O mundo está muito flácido.
Os becos se inclinam
para proteger a facada.
— Venha cá, tolo cãozinho:
talvez seja o último gato.
A cidade exala seu perfume doentio
e começa a se devorar.
Os cemitérios cospem seus fantasmas
que vêm ao nosso encontro.
Do meio do meu sorriso
desprende-se o teu desejo.
Pequemos,
ainda que haja amanhã.

Apelo

Não mais o beijo,
apenas a sombra
dos teus lábios em mim.
Nada do cio
afora o grito incontínuo.
Não mais teu sorriso,
só o suor
que vaga moribundo em minha pele.
Nada do gesto
além do pecado
(incondicional).
Não mais a nudez:
apenas o eco
do teu corpo em cópula...

Marcas

Pela pele tola
o rastro impuro
de minha presença ambígua.
Sob os cílios imundos,
os silêncios parcos
de meu corpo desfeito.
Entre as pernas suplicantes,
úmidos vestígios
do beijo incontido.
Mãos adentro,
meu cio irrefletido
estupra a solidão
de seu afago.

Confissão Vermívora

Há um verme
em que se funda todo o cio.
Afora seus olhos ausentes
nada parece dor.
Ante sua lágrima,
perfeita e inútil,
pousam segredos.
Sob os lábios,
pela garganta ferida,
esconde-se ternura.
Parasita
que destrói enquanto goza...
Habita as encostas do corpo
sem pedir perdão.
Na perversidade de sua aparência
disforme e sincera:
a venda do sexo,
a cavidade do silêncio.
Em seu escarro noturno
cacos de misericórdia...
No reino das estrelas foscas
assim se rasgam as verdades,
os pudores:
pelas patas do verme supremo.

Interrupção

Ao toque
obscuro
desfez-se a boca.
Lábios espatifados,
lua úmida...
Infinda,
a pele tomba
em acrobacias subterrâneas.
Tantos dedos,
tantos pêlos...
Pendendo do corpo
o outro corpo
(insustentável encaixe).
Olhos:
balançam em colapso
na beirada do inferno.
Pelas pernas
— de repente —
a mosca,
em pousos suicidas.
Inútil:
nada mais
deteria o caos.

Castigo

Desencaixo-me displicente.
Esvaziei-me, enfim.
Teu corpo
ainda queima,
tua mão ainda afaga.
Jamais
o prazer fora tão perverso.
Escondo meus lábios
atrás do batom.
Teus olhos
— canibais marinhos —
começam a se desfazer.
Não consigo te acompanhar.
És tão tolo...
Ainda me engasgo
com um último orgasmo.
Venci.
Sou aquela
que pela primeira vez
amas.
Mas a noite se esvai.
Sei que vais me tocar:
deixarei?
Não quero me amarrotar.
Tua boca me implora,
só que as estrelas se apagaram.
Vou-me embora
para nunca mais...
Se fosse amor,
não acabaria.

Insônia

A porta ecoou
o adeus.
O homem se encolheu.
As mãos
ainda lambuzadas de suor.
Entre os lábios secos
o nome maldito,
o gosto do seio.
A dificuldade
de abotoar o corpo.
Deitou-se
sobre o membro bambo
esperando o sol nascer.

Manhã

É sol.
Meu olhar mastiga o céu
e vai cuspindo nuvens.
O galo já não canta,
mas sua alma incomoda.
Ainda ouço o sono dos pernilongos.
A terra pulsa
e expulsa suas minhocas,
suas formigas.
Sei.
— sou a próxima a ser decomposta —
O vidro da janela
não me permite o vento
mas aborta as sombras.
Não consigo me esconder...
Aguardo.
As borboletas não tardarão:
só elas aliviam.
Não posso interromper esse parto.
E a lágrima germina
— ininterrupta —
enquanto a vida passa.
O café está salgado demais.
Quero ler o jornal do dia seguinte!
De repente,
o relógio.
Os pés bocejam no corredor.
A rotina rodopia
por detrás da porta.
Entardecerá.

Absolvição

É muito noite.
Como jamais fora.
O grilo irrita
mas não percebe.
Todas as estrelas me escutam,
mas não tenho o que dizer.
É só esse arrepio,
esse berro do peito
dentro do coração.
Também há tulipas.
E o sono não vem.
Não virá.
Jamais voltarei a acordar.
Tudo culpa do corpo,
esse parasita que te implora.
Há barulho demais
para sonhar.
Meu sorriso perturba a escuridão
e ecoa pelo universo.
Vou rezar.
....
Deus me perdoou:
impossibilidade
de pecar.

Cântico

Abre-te, anjo,
das asas que pendes
e rola vagaroso
entre os espinhos da coroa.
Sucumbe,
ainda tolo,
dentro do último riso
à espera do mar.
Nada cantará esta noite
— de crepúsculo inusitado —
Dos ossos que sustentam
teus olhos em sangue,
extravio,
sem cuidado,
o único vestígio
da vida decadente.
Não mintas,
ainda que a boca
gravídica
tente o suicídio.
Dá a paz
a todos os insetos
abaixo de teu olhar.
Sepulta-me
entre as pétalas
do cárcere dos lobos.
Estás certo...
Ainda que o sol
se deteriore,
sou a porta.

Prece

Aranhas espatifadas
estupram as paredes.
Deus,
pregado numa quina,
espanta as moscas.
Se o corpo
— entreaberto —
escorresse um único riso,
todo o pecado pereceria.
Ajoelha!
Que nenhum beijo escape.
Que o prazer desabe.
Ainda o lagarto
vigia
e a língua vaga.
Olhos empoeirados
de homem sem fé.
É cedo:
os crimes,
os abortos
tardam.
Mais que a abelha
zonza,
o perfume irrita.
Enfim,
a mão sonda,
escava os seios,
os montes.
A morte boceja
nos lábios
e o membro prossegue.
Amém...

Fungo

Visto meu corpo
de mácula
e lanço-me
aos bueiros.
O sexo exposto,
esparramado pela calçada.
O vinho barato
escapole pelas veias,
e contamina a madrugada.
Sinto que será
o último pigarro.
Sou todo bolor.
As rugas repartem os dias
e já não posso ver as estrelas.
Há tempos amputei coragem
e escolhi piedade.
Queria arrancar esses olhos
que já não refletem a luz do sol.
A vida é esse
eterno fermentar.
Inclino-me,
em direção ao infinito,
e vomito
o caos.

Lápide

No tumulto do meu corpo,
no tumulto do seu túmulo,
vejo crescer a sombra do mal.
O sol desce
enquanto o ar envelhece.
Toda a Terra se voltou
à espera da dor.
Os lábios na laje,
o abraço inerte...
A tarde não cairá.
Entre as pedras
dos meus olhos,
encontro seu aceno.
As andorinhas voam
como pernilongos alegres.
Perdi as cores.
Agora,
toda a paixão
é esta poeira fina
que invade o céu.

Imaculada

Meia noite:
escorrem trevas
entre os frágeis silêncios
do corpo oculto.
As teias,
nada mais são
do que lágrimas
perdidas e petrificadas.
Do limbo hostil,
verte-se bruxa
a pomba rasgada.
Nunca,
perante o estancar do dia,
desprender
a dor bíblica do equívoco.
As catacumbas,
ao fim do abismo,
enlouquecem-se de tundras
e almas eufóricas.
Na morte anfótera,
da qual anjos decaídos
já se esqueceram,
inda há o germe escuso.
Sinos e incensos
mergulham o inferno
com sua inocência tosca.
No reino
dos lábios em colapso,
a única misericórdia
— o último coágulo —
é arrepender-se
jamais.

Errante

Caminho entre os gafanhotos.
A areia vai se aderindo
ao meu suor,
enquanto o amanhecer silencia.
Procuro as catedrais
do apocalipse,
onde os escorpiões
incineram seus temores.
Vou de encontro
aos ossos de sua sombra
(os roedores me protegem).
De cada rosa abandonada
extraio seu poder.
As estrelas
— vértices do insólito —
vão escapando dos meus olhos.
Aguardo:
sei que o sol não mente.
Em cada caverna árida
encontrarei seu hálito.
Montarei em cada centauro
como se fosse no seu colo.
Ainda
que todas as profecias
vertam-se em pragas,
alimentar-me-ei
com a hóstia
do seu nome.

Entranhas

O sorriso caiu.
Entre as pétalas de mim:
o cio.
Esperma aos farelos.
A lua bóia na taça de sangue.
Entre sopros selvagens,
tórridos toques
(sinceros como um cadáver).
Com os dedos enfiados no vento,
quero lamber a liberdade.
Já esfacelei minhas lágrimas...
Enquanto o sol
baba sobre mim,
vou varrendo minha sombra
com restos de beijos...
A esperança dormiu.
Entre os subúrbios de mim:
a dor.
Bolhas de areia,
cacos de suor...
Há bolor nas estrelas.
Eis-me pecado!
Eis-me boca!
Pouca coisa: alfinetes incendiados.

O amor vai pingando sobre o telhado,
amargo enquanto vocábulo:
deserto parido.
A vida é um estupro:
nasci para morrer.
Renascer das cinzas,
das sobras,
das teias...
Vou lutar até o orgasmo.
A noite
arrotou.
Assim seja,
assim sangre...
Entre a poeira de mim:
o prazer.
Caroço de paixão.
Vou morrer...
Vou morrer...
Mas é só para te humilhar.
Vem...
Degola meu cheiro.
Não sou mulher,
sou distanásia.

Reiteração

Preciso de sua pele
sobre mim
com seus olhos
a escorrer pelo chão.
As mãos coçando meus lábios
— todos os lábios —
sob a noite (minguante)
engasgada de dor.
Os silêncios estuprando
o cio
o tal do suor...
Os gemidos
escapulindo dos poros
pelas pernas,
pra ter
prazer:
pra ser tão carne.

Ressurreição

Silêncio.
Num desviar dos olhos,
o reencontro.
Todas as artérias se estremecem.
O nome saltando dos lábios,
o espanto escorrendo pela testa.
Tantos corpos
separaram nossos dias...
Sua voz
desabotoa meu peito
e expõe lembranças.
Desde quando?
Vejo Deus
dependurado no seu pescoço.
Aguardo:
mão
e pele.
Você sorri.
A carícia torta,
a boca tonta:
tanta incerteza.
Parece a primeira vez...
Tudo é esse círculo
sarcástico
que sacode o coração.
Na mesma cama,
no mesmo altar,
comungo seu corpo
e reacendo a vela:
talvez seja páscoa.

Felídeo

O dia se estanca.
Desce o infinito.
Na sombra do teu corpo
incrusto meu beijo.
Teu sorriso se ergue,
como um leão que matará
— ainda que se arrependa.
Estilhaços dos teus toques
espalham-se pelo meu corpo.
Teu olhar, angústia cósmica,
parasita meus sonhos.
A mão, enfim,
desata minha pele que foge.
Não se assuste com os silêncios:
todas as estrelas caíram.
Eis-me aqui,
a erguer colunas de sorrisos,
a correr pelo universo.
Os paraísos se destruíram.
Todas as pernas se abriram...
Ainda que tua boca me desafie
e que a noite jamais termine,
abraçar-me-ei em teu pescoço
pronta a partir.
Sei.
Teu nome é proibido.
Teu mundo é caos:
estás perdido em mim.
(a alma vagueia enquanto o corpo oscila)
Mesmo que nunca me ames
basta que existas, basta que resistas.
Meu prazer é imortal.
Olhas como um gato prestes a miar.
No meio do ato
crava-me em meu seio como punhal.
Sobrevivi.

Rio

Eis que a pele,
undívaga e verde,
range entre meus dedos.
O lábio
incrustado de musgo
oprime minha boca.
Neste beijo tosco
imploro
a eternidade da morte...
No caule do olho,
a fenda hostil
dos meus silêncios.
Sob as escamas em sono,
a cartilagem da inocência.
O suor,
pelas curvas imprecisas,
não é mais que minha sede.
Peço,
a cada estrela trêmula,
o tormento de sua presença...
Sob a placenta fria da correnteza
peixes bioluminescentes
(de uma ternura ambígua)
desovam do seu corpo
em meu húmus insano.
Desaguar é apenas
uma súplica do amor.
Afora o mar,
nada me comove
como sua imensidão...

O amor e a carne constituem o tema permanente do trabalho poético de Agostina Akemi.

Seu norte é a insônia. Sua realidade é permeada de sonhos, trespassada por pesadelos, delirante e ansiosa.

Nela a carne é mordida, cada vez que ela, sobressaltada, acorda e retoma o sono.

Não se sabe mais quando se está sobre o corpo sonhado ou sobre o corpo real.

O amor, para Agostina, é um túnel onde se introduz uma lanterna erecta, metálica e fria, cuja luz oscila, num balanço que esbarra na náusea e retorna à fantasia, iluminando ponto versado por ponto versado, enquanto os outros sangram.

Com uma maturidade surpreendente, em alguns momentos, aborda a exclusão e culmina com a repulsa.

Em outros instantes, realiza o seu amor, para depois diluí-lo no banimento sem despedidas.

Egas Francisco.

K O M Σ D I